



22º EAIC Encontro Anual de Iniciação Científica

3º EAITI Encontro Anual de Iniciação Tecnológica e Inovação

DESACOSTUMAR O OLHAR: UM SALTO PARA A DESOBLIVIDADE

Juliana Lima Liconti (PIAC/Fundação Araucária/FAP), Francisco de Assis Gaspar Neto (Orientador), e-mail: kikoneto@gmail.com.

Universidade Estadual do Paraná/Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, PR.

Área: Artes Subárea: Teatro

Palavras-chave: Devir presença; espaço urbano; deriva.

Resumo:

Uma busca pessoal incessante e hostil por descostumar o olhar costumeiramente condicionado a perceber as aparências, os significados. A Deriva, escolhida como procedimento para efetivar este destreino, sofreu um processo de ampliação: de uma caminhada sem rumo pela rua, para ações que possibilitem acessar estados de atenção corpórea que facilitem o devir presença.

Introdução

Estamos condicionados a perceber a aparência dos objetos da nossa percepção, presumimos o significado do que vemos, assumimos que conhecemos e assim não nos relacionamos com o que realmente está presentificado e sim com sua representação.

Ao experimentar a privação do sentido da visão em espaços públicos, vivência proporcionada pela participação como artista colaboradora do Projeto de Iniciação Científica (2011-2012) da egressa Talita Neves, compreendi fisicamente a tendência que possuímos de contentarmo-nos em vislumbrar apenas a camada da aparência do mundo, pois, quando estava de olhos vendados, passava várias vezes pelo “mesmo” lugar e cada vez que retornava, atentava-me ao espaço como se eu nunca tivesse estado ali. Eu redescobria a mesma árvore e sempre encontrava novos aspectos que haviam sido negligenciados.

Na segunda etapa do projeto, retirei a venda e a sensação era de que tudo estava “dado”, meus olhos esvaiam a vontade de reparar, eu sequer concedia a oportunidade de encontrar-me com uma árvore, eu já a tinha visto, eu sabia que era a “mesma” e contentava-me com sua aparência. Esta questão, então, foi a propulsora da presente pesquisa: como ir de encontro a



22º EAIC Encontro Anual de Iniciação Científica

3º EAITI Encontro Anual de Iniciação Tecnológica e Inovação

costumeira tendência de relacionarmos-nos com pré-conceitos, com aparências?

Propus, assim, um processo de investigação particular cujo objetivo é desacostumar o olhar habituado a ver aquilo que o cerca como ordem e estabilidade, acolhendo a impermanência dos acontecimentos.

Para tanto, escolhi a Deriva, ação de caminhar na cidade sem rumo pré-determinado, em busca de uma abertura perceptiva que aumente as estruturas de contágio, como procedimento para PARAR de ver, significar, buscar um sentido por trás de tudo, projetar futuros possíveis, supor potências, antecipar acontecimentos, emitir julgamentos. Interromper, mesmo que por poucos instantes, o padrão usual de reação para com o meio. Aí está o cerne da questão: substituir a reação pela relação.

Materiais e métodos

Como uma forma de debrear a vontade de ver, o meu orientador, Francisco Gaspar, aconselhou-me a experimentar a imagem estereoscópica, presente nos populares livros 3D, como uma ferramenta para compreender fisicamente como suspender o olhar que busca ver.

Inicialmente há uma ansiedade, uma expectativa que impede a tridimensionalidade da imagem. A linha entre ver/não ver é bastante tênue, é construída a partir da tensão entre querer-ver e deixar-ir. É preciso sustentar a passividade da espera de maneira ativa, pois a visão aos poucos fica embaçada e os olhos imploram para focar a imagem que começa a descolar-se do papel de forma indefinida. Muitas vezes sucumbi à vontade de ver, os olhos fugidios executaram um deslocamento rápido e aquilo que começava a tomar forma instantaneamente retorna ao papel. Caso consiga resistir ao impulso de querer ver, o emaranhado confuso como em pulso torna-se vistoso.

A imagem estereoscópica transformou-se no meu equivalente para a câmera de vídeo de Lisa Nelson, coreógrafa e performer improvisacional em dança. A artista parou de dançar para filmar e editar vídeos, o que a colocou em movimento, outro tipo de movimento, ela dançava através dos olhos. Tornou-se consciente de uma série de escolhas de seu olhar que, se não fosse pelo recurso da câmera que lhe concedia a oportunidade de ser expectadora de si mesma, não teria notado. Deste encontro Nelson (2003) descreve a emergência de um estado de espera (stillness), como um processo de desacostumar o olhar a procurar por significados (looking for), em detrimento do atentar (looking at) que não procura significar e antecipar, simplesmente observa.



22º EAIC Encontro Anual de Iniciação Científica

3º EAITI Encontro Anual de Iniciação Tecnológica e Inovação

No meu caso, ao invés de iniciar as experimentações de Deriva pela rua, na primeira etapa da pesquisa dediquei-me à investigação diária dos livros 3D e comecei a sentir os reflexos deste destreino do olhar tanto no meu fazer artístico, quanto na forma como eu me portava no meu estar cotidiano no mundo.

João Fiadeiro e Fernanda Eugénio (2012) possuem um equivalente ao looking at de Lisa Nelson que é o termo (re)parar: (1) parar novamente; (2) notar o que a coisa tem; (3) e reabilitar o uso das coisas, ao invés de descartá-las. Neste sentido a reparação também é a suspensão deste olhar que julga pelas aparências e a visão estereoscópica juntamente com a Composição em Tempo Real, "(...) um sistema de pressupostos e regras que permite ao artista, no contexto de um trabalho em estúdio e laboratorial, aventurar-se pelo desconhecido e testar a elasticidade dos sentidos de suas ações" (2008, p. 2) desenvolvido por João Fiadeiro e aprimorado em sua parceria com Fernanda Eugénio, tornaram-se dispositivos para desacelerar o olhar, permitindo que eu navegasse pelos signos, ao invés dos significados.

A Fenomenologia nomeia esta passagem de redução à dimensão sgnica como ato refletinte. Depraz, Varela e Vermersch (2006) têm explorado este conceito através de sua via pragmática, experimentando-o praticamente para testar sua viabilidade. "O ato refletinte parte de uma relação 'silenciosa' ou no 'vazio' no que se refere à experiência" (2006, p.13). A dimensão nomeada por eles enquanto refletida pertence ao domínio dos significados, da linguagem, já a refletinte compete aos signos, uma materialidade ainda não codificada.

Quando comecei a realizar as Derivas pelo espaço urbano, simplesmente caminhava, sem expectativas, sem objetivos. A caminhada com o decorrer do tempo transforma-se em movimento inercial e fui percebendo, ao longo da pesquisa, que este movimento despe-me das camadas de maneirismos, presunções, pré-potências tão sedimentadas no padrão de comportamento usual. Até que atinjo um estado de "passividade por inércia" que me reconfigura como espaço de acolhimento de acontecimentos e dilata a atenção que não possui um foco específico, é dotada de uma qualidade flutuante. De repente um detalhe desperta a minha atenção de uma forma extremada como se algo muito fora dos preceitos de normalidade tivesse ocorrido só que na maioria dos casos é muito simples.

Esta sensação tornou-se cada vez mais recorrente e intensa, passei, então, a nomeá-la de pulso de estranheza, pois simplesmente observo alguma coisa e não há nada de muito peculiar, porém, o contato do meu eu daquele momento com aquela alguma coisa naquele momento provoca-me uma estranheza profunda, sinto-me invadida. É uma sensação bastante



22º EAIC Encontro Anual de Iniciação Científica

3º EAITI Encontro Anual de Iniciação Tecnológica e Inovação

física, uma contração intensa no centro do corpo, acompanhada de uma falta de entendimento sobre o ocorrido, mas não como uma dúvida formalizada (formulada enquanto linguagem) e sim como a materialização de um ponto de interrogação anterior a qualquer possibilidade de construção linguística. A dúvida na sua dimensão mais precária, atuante apenas enquanto potência de movimento, isto é, a dimensão refletinte a qual se referem Depraz, Varela e Vermersch, o signo aberto, instaurando a 'desobriedade'.

Resultados e Discussão

Durante a pesquisa a Deriva sofreu um processo de ampliação: de uma caminhada sem rumo pela rua, transformou-se em um estado (sempre mutante) de espera, de suspensão dos julgamentos e dos significados que costumamos estar aptos a introjetar em qualquer relação que estabeleçamos.

Defendo aqui a escrita, a leitura, a deriva, a Composição em Tempo Real, ou até mesmo uma conversa (quando realmente estamos empenhados em dialogar com o que acontece no momento presente) como procedimentos facilitadores de devir presença ou ato refletinte. Utilizo o verbo facilitar, posto que o processo ao qual me reporto não depende exclusivamente da minha vontade é algo que se dá em mim, sou espaço de acontecimento, porém não detenho controle e também não posso querer ter. Preciso suspender a função de agente da ação e assumir uma posição passiva e ativa ao mesmo tempo, uma vez que necessito sustentar essa passividade para que possa manter-me como espaço de acolhimento dos acontecimentos. Passei, então, a nomear como deriva todos os procedimentos pelos quais podia acessar estados de atenção corpórea que facilitassem o processo de tomada de consciência.

Conclusões

Um processo de desacostumar-se, de destreinar padrões de comportamentos intimamente arraigados nos modos como nos relacionamos com o mundo e com nós mesmos é uma tarefa desafiadora e extremamente difícil. Mantenho-me em constatare hostilidade para comigo mesma porque a todo o momento necessito reposicionar os mecanismos auxiliares nos escapes que esbarram e extrapolam a zona de conforto. O desafio é que a zona de conforto também não é estável, meu confronto é movimento por essência.



22º EAIC Encontro Anual de Iniciação Científica

3º EAITI Encontro Anual de Iniciação Tecnológica e Inovação

Termino este programa de iniciação artística e cultural com a certeza de que esta pesquisa não se encerra aqui. Este é apenas o começo de uma contínua tensão promotora de perguntas com respostas temporárias a serem reformuladas continuamente.

Agradecimentos

Ao meu orientador Francisco Gaspar e a todos que contribuíram direta ou indiretamente no desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

DEPRAZ, N; VARELA, F. J; VERMERSCH, P. **A Redução à Prova da Experiência**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v.58, n.1, 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrj.br/abp/>>. Acesso em: 13 set. 2012.

EUGÊNIO, F; FIADEIRO, J. **O encontro é uma ferida**. 2012. Disponível em: <<http://re-al.org/pt/an-encounter-is-a-wound>>. Acesso em: 19 out. 2012.

FIADEIRO, J. **Composição em Tempo Real**. 2008. Disponível em: <<http://www.laportabcn.com/en/work/composicion-en-tiempo-real-ctr-real-time-composition>>. Acesso em: 20 dez. 2012.